

SANTIAGO, CHILE

AB-2112
CII/AB-761
19 março 2001
Original: espanhol

PALAVRAS DO SECRETÁRIO-GERAL DA ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS
NA SEGUNDA SESSÃO PLENÁRIA

César Gaviria

1. Talvez não exista assunto atual de maior importância econômica e política como o da globalização e suas consequências. Nos foros internacionais, desde Davos a Porto Alegre, formulam-se declarações opostas que lhe atribuem tudo o que ocorre de bom e de ruim no mundo.
2. Como não estou entre os que consideram que a globalização oferece mais perigos do que oportunidades, porque acho que, sem dúvida, ela oferece muitas oportunidades, creio conveniente fazer uma pausa para refletir sobre as lições que ano após ano nos permitem atuar num mundo globalizado. Que aprendemos com suas consequências? Até que ponto compreendemos todas as suas implicações? E o que é que podemos realmente fazer para minimizar seus efeitos negativos nos campos econômico, político e social? Em especial, gostaria de referir-me hoje às consequências da globalização no que diz respeito aos aspectos institucionais e políticos.
3. Um dos aspectos menos considerados, quando falamos de globalização, é sua capacidade de remover artifícios e trazer à tona velhos problemas existentes em nossas sociedades desde tempos imemoriais e que conseguimos manter ocultos localmente por décadas e até séculos, ou uma multidão de tarefas várias vezes adiadas, que subitamente aparecem aos olhos de toda a sociedade. A globalização revela esses problemas de tal forma e com tanta intensidade e, às vezes, até com violência, que muitas pessoas terminam dizendo que ela é a causa de todos os nossos males.
4. Temos sofrido as consequências negativas da globalização econômica, algumas delas inescapáveis, como a volatilidade de capitais e o efeito do contágio, que em poucas horas passa de um país do Hemisfério a outro, pondo em perigo muitos dos progressos que nossas sociedades alcançaram em décadas de muitos esforços e sacrifícios.

5. Sem dúvida costumamos muito a aprender que os mercados são mais exigentes e exigem que se corrija em dias o que antes levava meses, ou em semanas o que antes impunha anos. Não se pode conviver, nem mesmo por curtos períodos, com desequilíbrios fiscais, monetários ou cambiais. Não se pode aceitar informação tardia, imprecisa ou incompleta sobre os agregados econômicos.
6. Assim, a lógica do mercado não permite gradualismo. Qualquer desvio da ortodoxia é imensamente custoso. E talvez nem uma política econômica muito boa seja motivo suficiente para se pensar que se pode escapar dos rigores da volatilidade de capitais, porque se deve considerar ainda outros fatores de natureza política e social que podem também gerar instabilidade e volatilidade.
7. Por outro lado, diria também que, com o transcorrer dos anos, grande número de países descobriu finalmente que os aspectos institucionais, a paz social, a estabilidade política, o fortalecimento do Estado de direito e a estabilidade das normas para o desenvolvimento empresarial chegam a ter maior influência sobre o crescimento econômico do que o regime de comércio exterior ou regime tributário ou cambial.
8. Pouco a pouco abandonamos a idéia de que os principais determinantes do crescimento são de natureza econômica e nos afastamos dos conceitos de que o caminho do desenvolvimento era simples, claro e rápido. São sonhos que ficaram para trás, otimismo ao qual tivemos que renunciar.
9. Creio que fomos nos acostumando a viver com a maneira de responsabilizar a globalização pelas conseqüências econômicas (a volatilidade, o desemprego das pessoas não qualificadas) ou pelos problemas sociais acumulados por décadas ou séculos: pobreza, má distribuição da renda, maus sistemas educacionais. Esses problemas tornaram-se mais evidentes e transformam a justiça social num objetivo mundial.
10. Existe, porém, um aspecto no qual não nos aprofundamos, que é o das conseqüências da globalização nos sistemas políticos e na forma em que estes estão revelando suas falhas de maneira muito mais intensa e rápida do que as deficiências econômicas.
11. Graças à globalização, hoje há maior participação na discussão das políticas governamentais. Não existem temas proibidos ou considerações dos problemas públicos a portas fechadas.
12. Antes, nunca se imaginou que as eleições de um país pudessem ser observadas quase minuciosamente por todos os países, os meios de comunicação e as organizações não-governamentais. Em qualquer lugar do mundo, a comunidade internacional está atenta e vigilante para que as eleições sejam limpas, justas e transparentes. Existe hoje uma crescente e múltipla vigilância internacional, que pode ser comprovada indubitavelmente na OEA. Em várias ocasiões, além de papel técnico, terminamos por desempenhar papel de tribunal ou de mediador dos adversários. É como se cada eleição

se transformasse em assunto relacionado com cada cidadão da América ou do mundo. É claro para todos que já não basta que uma eleição observe os padrões internacionais. Há muitos outros valores e princípios que devem ser adotados e todos os dias surgem novos propósitos, novos objetivos e parâmetros para a observação do comportamento não somente dos Estados, como dos cidadãos e das grandes corporações.

13. Nesse sentido, poderíamos falar do respeito às convenções sobre direitos humanos. Antes do fim da Guerra Fria e do começo da globalização já existia vigilância do sistema interamericano e das Nações Unidas, apesar da resistência de vários governos, mas essa vigilância nunca havia alcançado a sua atual magnitude, graças à intensa cooperação dos governos. O respeito aos direitos de cada cidadão do mundo tornou-se um assunto que a todos interessa. Somos testemunhas também de como começou a surgir uma nova série de direitos para os grupos da população mais vulneráveis, ou seja, as mulheres, as crianças, os indígenas e os imigrantes.

14. Não é necessário mencionar a maneira como juizes de vários países se atribuem competência sobre delitos cometidos em outros países há várias décadas. É como se considerassem totalmente insuficiente ou assuntos de pouca importância a criação da Corte Penal Internacional que representa, sem dúvida, um grande progresso e é consequência da globalização das relações políticas.

15. E como se pode descrever o movimento mundial contra a corrupção e em prol da transparência de várias decisões políticas? É como se todo cidadão se visse afetado por um ato de corrupção e se sentisse com o direito de estar informado e de exigir soluções e sanções. Não existe a menor dúvida de que as exigências coletivas deram origem a transparência e controle, a tantos olhos vigilantes que, sem dúvida, tiveram profundas implicações para os sistemas de aquisição e contratação dos países, em todos os níveis.

16. Algo semelhante poderíamos dizer sobre a independência e o equilíbrio dos poderes públicos. Milhões de pessoas se sentem ofendidas quando um governo ignora seu sistema judicial ou sobre ele exerce pressão indevida, ou quando ignora uma sentença de tribunal constitucional. Causa indignação o fato de que, em qualquer país do mundo, o corpo legislativo se atribua benefícios indevidos ou conceda poderes excessivos a um governante.

17. Talvez a área onde se tornam mais evidentes as consequências da globalização no campo político seja a de proteção do meio ambiente em todo o mundo. O problema da variação climática figura hoje em todas as agendas. A proteção dos bosques primários, da biodiversidade, das várias espécies de animais e vegetais em extinção encontram hoje eco na maior parte da comunidade de países. Nenhum país se pode livrar da mais intensa fiscalização internacional nessa área.

18. Quem não se sente indignado quando o governante de um país situado do outro lado do mundo não presta conta de seus atos ou se nega a reconhecer os erros cometidos por seu país? Quem não se sente indignado quando não se trata de proteger os direitos das

minorias? Muitas vezes, em vários países é mais fácil e mais rápido se defender uma causa que afeta a região mais remota, quando internamente talvez esteja apenas surgindo a consciência desse problema ou de uma aspiração.

19. Quem pode hoje permanecer impassível ante as novas formas de escravidão ou de prisão que ocorre no tráfico de seres humanos para atividades sexuais? Quem permanece indiferente à participação dos menores nos conflitos internos ou no trabalho infantil? Quem permanece impassível ante a discriminação contra as mulheres ou não se sente indignado com a violência contra grupos vulneráveis, seja onde for?

20. Não importa que o problema seja da competência de um determinado governo. Todas se mobilizam ao mesmo tempo, para exigir tanto proteção para os curdos como a participação dos indígenas em todos os assuntos públicos de quase todos os países. Ninguém é tão indiferente à marcha indígena rumo à Cidade do México, para pensar que se trata de um episódio com um argumento complexo cheio de suspense.

21. Vemos também como surgiu o problema da violência dos nacionalismo e etnicismos. São eles resultado da globalização ou das crescentes liberdades públicas em todo o mundo? Serão melhores os sistemas autocráticos e intolerantes de onde viemos, nos países onde surgiram esses tipos de problema? Depois de dezenas de milhares de mortos, não é fácil manter a certeza de nossas respostas.

22. E não identificamos o mecanismo por meio do qual se expandiu esta globalização dos problemas políticos. Sem dúvida, os meios de comunicação que conferem dimensão internacional a cada um dos problemas locais nos obrigam a viver esses problemas, os introduzem todos os dias em nossas alcovas, despertam nossas mais requintadas sensibilidades de maneira que ultrapassa em alto grau os efeitos da globalização econômica sobre o nosso bem-estar. Por meio do noticiário noturno temos acesso ao problema ético causado pelo custo dos remédios destinados a combater a AIDS na África; aos problemas das mulheres na China; à discriminação salarial no Sudeste da Ásia; e à violência contra a mulher no mundo árabe. E essa evolução transformou a liberdade de expressão no direito mais sagrado, no começo deste século.

23. Além disso, as ONGs e a sociedade civil, com suas poderosas mobilizações, introduziram essas causas numa agenda de notável expansão. Essas organizações não-governamentais gozam hoje de muito mais liberdade de movimento, suas vozes encontram maior eco e seus gritos são escutados em todos os continentes. Existem hoje mais agentes, mais porta-vozes, mais organizações que apontam as falhas de nossas instituições, revelando suas limitações e exigindo suas transformações. E, em muitas latitudes, sua ação enfraqueceu claramente o sistema político, os partidos e os congressos ao tornar evidente seus problemas, vícios e debilidades.

24. E, no final, constatamos que o regime de comércio exterior e o uso dos mecanismos de mercado têm que assumir total responsabilidade pelo que um governo, um estado ou uma sociedade fazem ou deixam de fazer, ou fizeram ou deixaram de fazer

em todas as frentes, e têm que assumir os problemas e as tensões da intensa mudança econômica, social e política ocorridos juntamente com a globalização.

25. Creio que não exagero quando afirmo que a tarefa da formulação e da implementação de uma política econômica, que nos prepare para a competência internacional, é muito menos difícil do que a de ter ou construir um sistema político para enfrentar as dificuldades da globalização, capaz de articular os novos participantes ou atores.

26. Quando se pergunta ao cidadão se está satisfeito ou não com a democracia, em geral pensa tanto em alguns problemas econômicos como nas deficiências do sistema político, do Estado e de suas instituições, bem como nos problemas econômicos e sociais que lhe atribui a globalização.

27. Deveríamos então começar a reconhecer que existe mais do que uma pequena conformidade; a reconhecer que temos que trabalhar mais na identificação tanto das conseqüências econômicas – terreno no qual muito temos avançado – como das conseqüências sociais e nos enormes desafios políticos que começam a criar um panorama e uma agenda mais ampla, complexa e onerosa para a qual estamos mal preparados.

28. Por esse motivo é que sempre compareço a essas assembléias e creio que o papel do BID, no que se refere ao lado acadêmico, é de crescente relevância e pertinência.